

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

4. A existência cristã

por Luigi Giussani*

VOCAÇÃO

O homem só na clareza e na segurança encontra energia para agir.

O acontecimento do Espírito Santo inverteu a pusilanimidade dos Apóstolos e suscitou a aventura mais intensa, corajosa e dinâmica de que o espírito humano tem conhecimento.

«Só Tu, Senhor, me dás segurança»⁵⁷. A descoberta de Cristo como centro de tudo elimina o medo e faz com que o homem sinta uma capacidade de contacto dominador com tudo: «*omnia vestra sunt, vos autem Christi, Christus autem Dei*»⁵⁸.

Mais precisamente, esta nova cultura obriga-nos a uma conceção densíssima da vida, como uma atividade sem fim e uma responsabilidade sem escapatória.

Esta atividade é um verdadeiro «serviço» em cada instante, em cada palavra («quer comais, quer bebais...»⁵⁹): serviço ao *Reino*, ou seja, àquele desígnio do cosmos no qual Cristo é Senhor de toda a realidade. A existência de cada um só tem sentido – quer dizer, existe verdadeiramente – na medida em que for função do Seu Reino.

Uma função prevista pelo próprio Ideal que determinou a trama misteriosa de tudo: e toda a *consciência* é-o precisamente na medida em que se apercebe de que está destinada a uma tarefa, e esta consciência é o encontro entre Deus e o indivíduo humano, é o acontecimento da *vocação*.

O lugar onde este encontro se produz de modo completo é Cristo: a vocação de cada homem é um acontecimento que se realiza no âmbito da realidade pessoal e misteriosa de Cristo: «Fostes chamados em Cristo Jesus...»⁶⁰.

Dar-se conta da própria vocação, projetar a vida seguindo o seu chamamento, conceber a existência como serviço ao todo: é este o compromisso vital do nosso ser a que o Espírito de Cristo lucidamente nos obriga, dando-nos a força para começar e para sermos fiéis.

A conceção moderna da vida nunca se revelou tão distante do Espírito de Cristo como neste ponto. O critério com que a mentalidade de hoje nos habitua a encarar o futuro centra-se no proveito, no gosto ou na facilidade do indivíduo. O caminho a escolher, a pessoa a amar, a profissão a seguir, a faculdade onde matricular-se, tudo está determinado de forma a erigir em critério absoluto a utilidade pessoal do indivíduo. E isto parece de tal maneira óbvio e assente que a reviravolta do *anúncio* parece, inclusivamente a muitas pessoas de bem, um desafio ao bom senso, uma enfatuação, um exagero. São acusações repetidas até por educadores que se sentem cristãos, ou por pais, preocupados, de resto, com o sucesso humano dos filhos. Os juízos nas situações privadas ou públicas, os conselhos para viver bem, as advertências ou repreensões, tudo é dito de um ponto de vista em que está totalmente ausente »

⁵⁷ Cf. *Sl* 23(22), 4.

⁵⁸ «Tudo é vosso, vós porém sois de Cristo, e Cristo de Deus», *1 Cor* 3,22-23.

⁵⁹ *1 Cor* 10,31.

⁶⁰ Cf. *1 Cor* 1,9.

* «Passos de experiência cristã» em *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, pp. 109-114.

» a devoção ao todo e a preocupação pelo Reino, e em que a realidade de Cristo foi exilada. «O que é que o todo me poderá dar? Como obter a maior vantagem possível do todo?»: estes são os critérios imanentes da sabedoria mais difundida e do bom senso mais reconhecido.

Em contrapartida, a mentalidade cristã inverte estas perguntas, contradi-las, mortifica-as, e agiganta precisamente o imperativo oposto: «Como poderei dar-me com aquilo que sou, como poderei servir melhor o todo, o Reino, Cristo?». Este é o único critério educativo da personalidade humana tal como a luz e a força do Espírito de Cristo a redimiram.

A primeira juventude é a fase, única, em que *facilmente*, e de forma segura, se podem desenvolver a sinceridade lúcida e compreensiva e a magnanimidade constante que a conceção cristã da nossa existência exige.

A profunda disponibilidade de toda a nossa vida para o serviço ao todo é de extrema importância precisamente, também, para compreender *qual* é a função que somos chamados a desempenhar, *qual* é a nossa vocação pessoal. O que deverei fazer, o que devo ser, a minha vocação, não são coisas que se me apresentem normalmente como uma ordem de comando precisa, mas, antes, como uma sugestão, um convite. A vocação, que é o significado da minha vida, apresenta-se-me mais como uma possibilidade vislumbrada do que como uma inevitabilidade inequívoca. Aliás, isto é tanto mais verdade quanto mais fundamental e importante for a tarefa a realizar. A consciência, no seu aspeto mais puro e sugestivo, é a sugestão mais discreta: é a inspiração. Deste modo, eu decido a minha estatura pessoal aderindo positivamente a possibilidades delicadíssimas.

CARIDADE

A aceitação da vida como vocação, como função do Todo, define a existência como um destino profundo a *partilhar* a Realidade de que originalmente se nasce e de que continuamente se depende; um profundo destino a *participar nela*, aceitando-a e oferecendo-nos a ela como sendo vontade de Deus, como sendo o Seu reino. Aceitar a vida como vocação compromete a existência como *caridade*. Procuremos nas origens da nova humanidade redimida pelo Espírito de Cristo os paradigmas mais excecionais da riqueza e simplicidade do amor: «*Ut sint consummati in unum*»⁶¹.

«... Trouxeram novamente os apóstolos e, depois de os mandarem açoitar, proibiram-lhes de falar no nome de Jesus e libertaram-nos. Quanto a eles – os Apóstolos – saíram da sala do Sinédrio cheios de alegria, por terem sido considerados dignos de sofrerem vexames por causa do Nome do Senhor. E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Boa-Nova de Jesus, o Messias»⁶².

«Volto a dizê-lo. Ninguém me tenha por insensato. Ou então, aceitai-me como insensato, para que também eu possa gloriar-me um pouco... São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São descendentes de Abraão? Também eu. São ministros de Cristo? – falo a delirar – Eu ainda mais: muito mais pelos trabalhos, muito mais pelas prisões, imensamente mais pelos açoites, muitas vezes em perigo de morte. Cinco vezes recebi dos judeus os quarenta açoites menos um. Três vezes fui flagelado com vergastadas, uma vez apedrejado, três vezes naufraguei, e passei uma noite e um dia no alto mar. Viagens a pé sem conta, perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus irmãos de raça, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos da parte dos falsos irmãos! Trabalhos e duras fadigas, muitas noites sem dormir, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez! Além de outras coisas, a minha preocupação quotidiana, a solicitude por todas »

⁶¹ «Sejam consumados na unidade», *Jo* 17,23.

⁶² *Act* 5,40-42.

» as igrejas! Quem é fraco, sem que eu o seja também? Quem tropeça, sem que eu me sinta queimar de dor? Se é mesmo preciso gloriar-se, é da minha fraqueza que me gloriarei. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito para sempre, sabe que não minto. Em Damasco, o etnarca do rei Aretas mandou guardar a cidade dos damascenos para me prender. Mas fui descido num cesto, por uma janela, ao longo da muralha, e assim escapei das suas mãos»⁶³.

Os primeiros Apóstolos *seguiram* verdadeiramente o Mestre que descrevia a Sua alma na parábola do Bom Pastor, onde a caridade revela toda a sua exigência de iniciativa, criatividade e vigor⁶⁴.

UNIVERSALIDADE

A própria natureza da ação cristã, ou seja, o partilhar, indica perentoriamente o seu âmbito, que é ilimitado: empenhar-se numa genuína experiência de caridade significa abrir-se completamente ao universo. Cada limite imposto a partir de dentro à amplitude da nossa existência mortifica o amor; porque o amor, não é, de facto, um gosto, nem um cálculo, nem sequer um projeto nosso inteligente: é uma humilde adesão ao ser tal como ele se nos oferece.

Por esta razão, é característica essencial e verificação definitiva da existência cristã a sua abertura ilimitada, quer dizer, a sua *universalidade*.

Também um compromisso autenticamente humano tem necessariamente de se estender a todos, porque a humanidade pertence inevitavelmente a todos. E a atenção à nossa própria experiência humana não será verdadeira se se afastar – porventura inconscientemente – da experiência de todos. Mas a clareza de uma perspectiva universal e a energia para segui-la concretamente são mais um dom do que uma conquista, são mais um encontro do que uma genialidade pessoal. São fruto do Espírito Santo.

Percebe-se então porque é que o primeiro gesto dos Apóstolos depois do Pentecostes – o discurso de Pedro aos judeus – testemunha de modo tão inequívoco, e até clamoroso, a dedicação a um ideal sem fronteiras.

Assim que o mandato do Senhor – «Ide e ensinai a todos os povos»⁶⁵ – se tornou, pelo dom do Espírito Santo, realidade comovente e concreta, a Igreja conheceu o acontecimento da maturidade, pois só saímos da infância e nos sentimos adultos quando nos encaminhamos para o universal.

É a concretização de um gesto decididamente humano, de um trabalho fecundo porque finalmente restituído às suas dimensões originais.

Nenhuma existência cristã o será verdadeiramente se não repetir esta clara abertura ao universo. Essa abertura não se realiza tanto num desprezo insuportável ou num desinteresse inumano pelo particular, mas, antes, no modo como se vive o particular. Família ou amizade, turma ou escola, estudo ou profissão podem tornar-se, pouco a pouco, objeto de um compromisso sério e de uma dedicação genuína. Mas *o motivo do compromisso* tem de transcender todas as classificações e todos os nomes, não se deve apegar a nenhuma particularidade, ainda que seja importantíssima. Qualquer um pode encontrar facilmente o gosto ou as razões para se ocupar do pequeno âmbito que o rodeia; mas toda a opção que não tenha outro motivo senão ela mesma não passa de um egoísmo dilatado, de um sentimentalismo injusto. Infelizmente, o costume atual afirma com eloquência, até mesmo na altissonante mentira dos seus proclamados universalismos, a incapacidade de superar uma perspectiva sempre limitada; incapacidade que rapidamente se converte em impossibilidade de sermos fiéis ao particular que, deste modo, é sentido como sendo tão estreito e mesquinho como uma prisão. »

⁶³ 2Cor 11,16-33.

⁶⁴ Cf. Mt 18,12-14; Lc 15,4-6; Jo 10,11.

⁶⁵ Mt 28,19.

» Pelo contrário, a liberdade segura de uma existência cristã, o seu atento desapego de qualquer particularismo, a decidida prontidão para acolher a novidade autêntica constituem, por si só, uma promessa segura, uma profecia do advento do Reino:

«Eis que vêm os dias - oráculo do Senhor Deus –
em que lançarei fome sobre o país.
Não será fome de pão nem sede de água,
mas de ouvir a palavra do Senhor.
Vaguearão de um mar a outro mar,
indo à toa desde o Norte até ao Oriente,
à procura da palavra do Senhor,
e não a encontrarão.
Naquele dia, desfalecerão à sede
as donzelas formosas e os jovens»⁶⁶.

Relembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos para o site
<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>

⁶⁶ Am 8,11-13.